

## **não resistir a uma ideia nova nem a um vinho velho...**

### Resumo de Atividade

O Fátias de Cá nasceu em 1979, numa associação recreativa local chamada Nabantina, em Tomar-Portugal. Em 1982 foi legalizado como associação cultural vocacionada para as atividades teatrais e desde 1998 até hoje é assumida pelo Ministério da Cultura como entidade com atividade profissional teatral.

A história do Fátias de Cá pode ser resumida em 13 períodos:

1 • 1979-1982: os mil dias que abalaram a Nabantina (4 estreias) É o tempo do nascimento, que se constituiu como uma espécie de pedrada no charco no marasmo cultural tomarense. “O Con(s)certo” de Karl Valentim (1981) virá a ser apresentado por todo o País e torna visível o então grupo amador.

2 • 1982-1986: as mil e uma noites (6 estreias) O FdC sai da Nabantina e legaliza-se enquanto associação cultural sem fins lucrativos. É o tempo em que não foi possível encontrar um espaço para ensaiar, ou melhor, o tempo em que foi preciso aproveitar todas as momentâneas cedências de espaço para manter a atividade. Quatro iniciativas marcaram este período: · Organização do Festival de Teatro de Tomar, em 1982, no Convento de Cristo (e onde participaram, entre outros, a Comuna, a Barraca, a Cornucópia, o Bando, o Mário Viegas e o José Mário Branco). · “Fátias de Cá Bar É...” (1984) que se constituiu como um desafio cultural na “noite” tomarense. · “A Menina Inês Pereira”, a partir da Compilação de Todalas Obras de Gil Vicente (1984), onde se experimenta, pela primeira vez, a apresentação de cenas simultâneas e a deambulação do público pelo espaço cénico. · A liderança do projeto “Crónica dos Bons Malandros”, a partir de Mário Zambujal (1986), promovido pela ARSTA (Associação Regional de Santarém do Teatro de Amadores), envolvendo 20 grupos do distrito e estreado no Teatro da Trindade, em Lisboa.

3 • 1986-1990: o tempo das vacas gordas (5 estreias) É o tempo da projeção internacional;

participa-se em festivais na Europa, América e Ásia com “A Fuga de Wang-Fô”, a partir de Marguerite Yourcenar (1987), com “Hamlet”, a partir de Shakespeare e Heiner Müller (1987) e com a sua paródia “Homlet” (1988). É também o tempo de fazer Teatro no seio do Convento de Cristo de Tomar, que é assumido como um espaço privilegiado para a vivência cultural. Esta forma de utilizar o Património veio a ser continuada com muitos outros projetos, em muito outros espaços.

4 • 1990-1993: tempos promissores (7 estreias) É o tempo em que o frenesim se acomoda dentro do grupo de teatro que se torna companhia de teatro, com produções de vários encenadores, nacionais e estrangeiros. É o tempo em que a carreira das peças começa a prolongar-se em apresentações semanais regulares.

5 • 1993-1996: o tempo das vacas magras (2 estreias) É o tempo de resistir persistindo, graças a Manuel Frederico Pressler (“A Menina Feia”) e Alain Ayckbourn (“Confusões”).

6 • 1996-2000: o tempo da fénix (9 estreias) É o tempo em que se demonstra a capacidade para atrair públicos de todo o país. É o caso de “As Ligações Perigosas” (1996), “Tanegashima” (1997 e parceria com os japoneses Takebue e macaenses Hiu Kok, Expo’98), “T de Lempicka” (1998), “Viriato” (1999) ou “Sonho de uma Noite de Verão” (2000). É nesta altura que se passa a incluir, no decorrer dos espetáculos, um momento de refeição.

7 • 2000-2004: a diáspora (6 estreias) É o tempo em que são legalizados, enquanto associações culturais, vários FdC (Barquinha, Chamusca, Coimbra, Constância, Lisboa, Ourém e Torres Novas), que se assumem como centros de produção teatral; daqui resultaram espetáculos em locais, teatralmente não convencionais, como a Distilaria da Brogueira (“Corto Maltese”), o Castelo de Ourém (“A Tempestade”), o Museu Machado de Castro em Coimbra (“Astérix no Criptopórtico”), os teatros fronteiros de Tancos e Arrípiado no rio Tejo (“Alcacer Kibir” em parceria com os marroquinos La Voile) ou a Quinta das Lágrimas em Coimbra (“Inês de Portugal”).

8 • 2004-2007: o tempo do deslumbre (7 estreias) Com a chegada de Jorge Custódio à direção do Convento de Cristo de Tomar, o monumento inverte a sua anterior tutela de asfixia teatral e o Teatro passa a respirar a plenos pulmões num Património da Humanidade. Destaca-se “O Nome da Rosa” (2004) que utiliza o espaço na sua plenitude. Mas “Rapariga com Brinco de Pérola” (2004) no Jardim Botânico de Coimbra ou “As Pegadas dos Dragões” na Pedreira do Galinha em Ourém são exemplos também

sígnificantes da incorporação no Espírito do Lugar.

9 • 2007-2010: o tempo da magia (5 estreias) É o tempo de penetrar na dimensão alquímica. É também o tempo de criar espetáculos que ganham uma dimensão esotérica potenciada pelo espaço onde se realizam, como é o caso da Quinta da Regaleira em Sintra (“O Anel Quebrado”), da Distilaria da Brogueira (“l’Odeur”), das Ruínas de Conimbriga (“Arthur”) ou da Vila de Constância (“Auto da Barca do Inferno”).

10 • 2010-2014: o tempo dos legados (9 estreias) É o tempo em que se assumem parcerias com instituições e entidades públicas e privadas com vista à utilização dos seus espaços para apresentação de peças de teatro. Releve-se “A Encomendação das Almas” (2011) no Convento da Arrábida, sem desprimir para o Palácio Fronteira em Lisboa, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha em Coimbra, o Palácio dos Acíprestes em Linda-a-Velha ou o Palácio Sotto Mayor na Figueira da Foz. É também nesta altura que se reestrutura o Fatias de Cá, que passa a contar com 7 associações FdC (Portugal, Mãe, Lisboa, Coimbra, Tomar, Torres Novas e Almourol).

11 • 2014-2017: o tempo da demanda (10 estreias) É o tempo em que se renova a asfíxia teatral no Convento de Cristo em Tomar. É o tempo de quixotear. “Dom Quixote” (2014) alarga o espaço teatral a Tomar e arredores, levando o público numa demanda, no encalço dos protagonistas, ora de comboio turístico, ora a pé, por várias “adegas” e “solares”. “Brigadas Revolucionárias” (2014) aborda a luta contra o regime pré-25 de abril pela voz de um dos seus protagonistas - Carlos Antunes. “A fórmula de Deus” (2015) assume-se como a prova científica da existência do dito. “A Missão” (2016) discute o rompimento da solidariedade com a sorte dos outros. É também o tempo em que o cinema começa a fazer parte do quotidiano. Tempos antes da estreia comercial de “Sonhar Portukalia” (2017), foram sendo filmadas várias peças de teatro que resultaram em “Teatro em Cinema”, tais como “As Ligações Perigosas”, “Corto Maltese”, “Richard III”, “A Comissão de Festas”, “A Sacerdotisa e o Mestre”, “Lear”, “Dom Quixote”, “A Missão”.

12 • 2017-2020: o tempo da visitação  
É o tempo da pós-produção do “Teatro em Cinema”. Está a ser o tempo de visitar personæ santificadas por uns e amaldiçoadas por outros, como sejam “Salazar” ou “os Relvas”. Está a ser o tempo em que a asfíxia teatral no Convento de Cristo em Tomar se manterá por mais três anos...

13 • 2020-2022: o tempo dos épicos

É o tempo de aproveitar a pausa que a saga do estado de emergência imposto em Portugal entre 9-11-2020 e 30-04-2021 impôs para fazer obras de manutenção na Distilaria da Brogueira, o nosso palco interior favorito e depois o tempo da reposição de sucessos para filmar e dos espetáculos para grandes plateias como O Viriato na Praça de Touros.